

CEDI - P. I. B.
DATA 03/03/94
COD. A2D00027

LINGUISTICA INDIGENA NO BRASIL  
 Jenny Moore  
 Luciana Storto  
 Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>4</sup>

Este trabalho pretende examinar a situação atual da área de linguística indígena no Brasil e ressaltar os principais acontecimentos concernentes a ela nos últimos sete anos (1984-91). Um excelente artigo, "The Present State of the Study of the Indigenous Languages of Brazil" ("O Estado Atual do Estudo das Línguas Indígenas do Brasil") por Rodrigues (1985) apresentou a panorama até 1984, e estas informações não serão repetidas aqui. O nosso foco neste artigo será mais na sociologia de pesquisa do que propriamente num sumário dos conhecimentos adquiridos.<sup>2</sup> Porém, as referências nele contidas poderão ser consultadas para maiores informações linguísticas, pois incluem muitos trabalhos brasileiros que geralmente não são conhecidos internacionalmente.<sup>3</sup>

NUMERO E LOCALIZAÇÃO DAS LINGUAS INDIGENAS DO BRASIL

Não se sabe ao certo quantas línguas indígenas existem no Brasil. A falta de informação sobre os povos indígenas tem sido uma constante na história do país. Não são raras as descobertas e redescobertas de línguas ainda hoje. (Por exemplo, uma língua nova da família Tupi-Guarani foi identificada em 1987 e o Kujubim foi redescoberto em 1991 por pesquisadores do Museu Paraense Emílio Goeldi.) É comum nos depararmos com informações errôneas na literatura sobre o assunto, onde muitas vezes encontramos nomes que refletem uma determinada divisão política entre um povo interpretados como designações de línguas diferentes. Ainda, é muito frequente a confusão entre dialetos e línguas, a tendência neste caso sendo que possivelmente existam menos línguas do que se acredita, uma vez que o que leigos haviam classificado como várias, revela-se como uma só língua. Este é o caso da língua Gavião-Zoró-Cinta Larga-Aruá de Rondônia, que possui quatro dialetos.

As estimativas, que procuram levar em conta os fatores acima mencionados, apontam no sentido de que são faladas aproximadamente 170 línguas indígenas no Brasil atualmente. O número de línguas por estado, incluindo os seus dialetos principais, segue abaixo, em ordem decrescente (Note que há línguas que estão presentes em mais de um estado):

ESTADO	NUMERO DE LINGUAS
Amazonas (AM)	62
Mato Grosso (MT)	29
Pará (PA)	25
Rondônia (RO)	25
Roraima (RR)	11
Acre (AC)	9
Maranhão (MA)	7
Goiás (GO) e Tocantins (TO)	7
Mato Grosso do Sul (MS)	5
São Paulo (SP)	5
Amapá (AP)	3
Paraná (PR)	3
Santa Catarina (SC)	3
Bahia (BA)	2
Minas Gerais (MG)	2
Rio Grande do Sul (RS)	2
Espírito Santo (ES)	1
Pernambuco (PE)	1
Rio de Janeiro (RJ)	1
(total 204)	

A maioria das línguas indígenas do Brasil fazem parte de um dos cinco grandes grupos linguísticos do país, Tupi, Macro-Gê, Karib, Aruak, e Pano, que estão distribuídos geograficamente da seguinte forma:

--Tronco Tupi - Sul do rio Amazonas, em zonas interfluviais, principalmente no estado de Rondônia, mas também no alto Xingu e no Tapajós e Madeira. A família Tupi-Guarani ocupou toda extensão litoral do Brasil e ocorreu no rio Amazonas e outras regiões de floresta tropical,

--Tronco Macro-Jê - Nos campos cerrados da região Norte e Centro-Sul do país.

--Família Karib - Principalmente ao norte do rio Amazonas, mas também ao longo do médio e baixo Xingu.

--Família Aruak - Noroeste e Oeste do país e também no alto Xingu.

--Família Pano - Oeste do Brasil, principalmente Acre, mas também a sudoeste do estado do Amazonas.

Muitas outras línguas pertencem aos troncos menores ou têm sua filiação genética ainda não determinada.

O quadro linguístico atual é o resultado do extermínio, absorção, ou deslocamento dos grupos indígenas existentes no tempo do contato europeu. Rodrigues (1986:19) coloca como

provável que "...na época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, há quase quinhentos anos, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje". O jesuíta espanhol Cristóvão de Acuña, (1641:199) que acompanhou uma expedição pelo rio Amazonas em 1639, descreveu que às margens do rio e às bocas de seus afluentes havia povos que "passam de 150, todos de línguas diferentes". Há vinte e quatro povos indígenas habitantes da faixa leste de colonização do Brasil que abandonaram suas línguas e falam hoje variações do Português. Nesta faixa apenas três grupos mantêm suas línguas. A questão importante sobre quais línguas eram faladas pelas grandes populações indígenas encontradas pelos primeiros viajantes europeus ainda não está resolvida. Os documentos dos 250 primeiros anos de ocupação encontram-se principalmente na Europa.

#### SITUAÇÃO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS NO BRASIL

O número de falantes de línguas indígenas hoje possivelmente aproxima-se de 150.000. Temos no país, de um lado, grupos numerosos como os Makuxi, que totalizam 15.000 habitantes, e de outro, grupos que só contam com alguns ex-falantes aculturados. Este é o caso de dois Puruborá, que, quando foram localizados, não falavam a língua há 40 anos, mas que, com algum estímulo, têm começado a lembrar-se de mais e mais palavras. A situação no estado de Rondônia, do qual os autores têm mais conhecimento, serve como exemplo, apesar de não ser exatamente representativa do país como um todo, pois as línguas do sul de Rondônia vêm mantendo contato muito próximo com a população nacional já há algumas décadas. Das línguas indígenas lá existentes:

- 10% não estão mais em uso (como é o caso do Puruborá)
- 30% têm número baixo de falantes e os jovens estão deixando de usar a língua
- 25% ou têm número baixo de falantes ou falta de falantes jovens
- 35% têm falantes numerosos, incluindo jovens

Muitas línguas encontram-se numa situação precária e outras não possuem descrição. Das 170 línguas indígenas do Brasil, aproximadamente 80 receberam alguma descrição, em geral da fonologia segmental ou de detalhes da gramática. Menos de 10% das línguas têm descrições completas de um bom nível científico.

#### RESUMO DA HISTÓRIA DO ESTUDO DAS LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Alguma descrição das línguas indígenas foi feita já no primeiro século após a descoberta do Brasil, como é o caso da história da viagem de Jean de Léry (1578). Jesuitas como Anchieta (1595) estudaram línguas para fins religiosos. No século passado Karl Von den Steiner produziu uma gramática e

estudos comparativos de Bakairi e o General Couto de Magalhães coletou textos e elaborou uma análise e um curso da Língua Geral. Neste século etnógrafos e naturalistas coletaram listas de palavras de vários grupos indígenas, tendo alguns chegado a desenvolver estudos linguísticos, como é o caso notório dos antropólogos Curt Nimuendajú e Emil Snethlage e do historiador Capistrano de Abreu.

Todavia, foi só na segunda metade deste século que linguistas profissionais se especializaram no estudo das línguas indígenas brasileiras. Mattoso Câmara criou o Setor de Linguística do Museu Nacional no Rio de Janeiro em 1961. Aryon Rodrigues (PhD, Universität Hamburg na Alemanha) participou da fundação do programa do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB), onde foi estabelecido o primeiro curso de pós-graduação em linguística do país, o qual possuía mestrados em linguística indígena. Aryon Rodrigues deixou a Universidade de Brasília em 1965 e juntou-se ao programa do Museu Nacional, que recebeu apoio da Fundação Ford. O programa englobava o curso de mestrado, institutos linguísticos e doutorados no exterior. Desde 1973 o Museu Nacional não tem mais pós-graduação em linguística. Aryon Rodrigues transferiu-se para a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Yonne Leite (PhD, University of Texas), que havia sido assistente de Mattoso Câmara, continuou no Museu Nacional, com Charlotte Emmerich (Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), fornecendo orientação para vários alunos, mais notavelmente Tânia Clemente, Marília Facó, Bruna Franchetto, Marcus Maia, Márcio Silva, Marcia Vieira, e Ruth Wallace.

Em 1976 Lucy Seki (PhD, União Soviética) foi ministrando cursos na UNICAMP, cujo programa de pós-graduação teve estudantes de linguística indígena a partir de 1980, incluindo, no início, alguns missionários do SIL.

O Museu Goeldi teve dois linguistas na década de 60: Ernesto Migliazza e Ruth Wallace. A linguística desapareceu da instituição com a saída destes, renascendo somente na década de 80.

Nos últimos anos da década de 80, a linguística indígena foi reimplantada na UnB com a vinda de Aryon Rodrigues. No mesmo período a Universidade Federal de Goiás (UFGO) iniciou um programa de estudos de línguas indígenas com Raquel Teixeira (PhD, Berkeley), Sílvia Braggio (PhD em Educação, University of New Mexico), e Marita Cavalcante (Doutorado, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP). A linguística indígena também foi estabelecida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) com Adair Palácio (Doutorado,

UNICAMP), na Universidade Federal do Pará (UFPA) com Leopoldina Araujo (Doutorado, UFRJ), e na Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) com Roselis Batista (PhD, França). Jean-Pierre Angenot e Alexandra Aikhenvald-Angenot, estimularam um programa ambicioso de linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

## LINGUISTAS MISSIONARIOS

Das organizações missionárias, o Summer Institute of Linguistics (SIL)/Wycliffe Bible Translators é a que mais promove estudos linguísticos, com os fins de doutrinação de grupos indígenas na cristandade protestante, educação indígena, e aquisição de prestígio científico. O SIL tem de alguma forma estudado as línguas brasileiras há décadas. Em 1956, com o estímulo do antropólogo Darcy Ribeiro, a instituição estabeleceu um convênio com o Museu Nacional, que durou até 1981. Logo após o término desta colaboração, o SIL estabeleceu uma organização irmã brasileira, a ALEM (Associação Linguística Evangélica Missionária), que é formalmente independente do SIL mas que utiliza a sua infraestrutura. A ALEM ministra o curso anual de linguística e recebe treinamento e supervisão do SIL. Hoje o SIL possui quatro centros regionais no Brasil: Belém, Porto Velho, Cuiabá e Brasília.

A trajetória do SIL no Brasil em termos de números de línguas estudadas tem se mantido praticamente estável, com um gradual declínio (ou, mais exatamente, um gradual aumento, se incluirmos as línguas estudadas pela ALEM). Em 1967, havia 300 membros da organização no Brasil, 90 deles pesquisadores de 40 línguas indígenas; em 1984 o número de línguas era 39 e 34 em 1991, incluindo neste último ano 3 línguas que começaram a ser estudadas recentemente (Suruí do Pará, Panawa e Jarawara), e descontadas 6, já que estudos em 4 línguas foram concluídos (Kaingang, Canela, Hixkaryana e Munduruku) e mais 4 foram abandonados (Karipuna, Galibi, Fulniô e Asurini do Tocantins). As línguas estudadas pelo SIL hoje são: Apalai, Apinayé, Apurinã, Bakairí, Bororo, Deni, Jarawara, Kaapor, Kaiwá, Kadiwéu, Karajá, Karitiana, Kayabi, Kayapó, Nadeb, Mawé, Maxakali, Nambikwara, Banawá, Paresi, Paumari, Pirahã, Rikbaktsa, Suruí de Rondônia, Suruí do Pará, Tenetehara, Tenharim, Terena, Waiampi, Waurá, Xavante, Xokleng, Yanomami e Yamamaçá.

Nos últimos sete anos a maior parte das publicações do SIL que tiveram impacto internacional apareceram em algumas coletâneas: os três volumes do Handbook of Amazonian Languages (Derbyshire e Pullum 1986, 1990, e 1991), Amazonian Linguistics (Payne 1990), e Porto Velho Working Papers (Fortune 1985). O periódico Série Linguística deve ser citado como uma publicação do SIL em que alguns trabalhos de relevância foram publicados. Há ainda, publicados em periódicos especializados, artigos escritos

por linguistas missionários que são mais ativos cientificamente: Por exemplo, Derbyshire (1987), Everett (1986 e 1987), Jensen (1987) e Weir (1986). Os esforços dos linguistas do SIL estão geralmente concentrados na tradução da Bíblia; o objetivo é verter o Novo e partes do Velho Testamento para cada uma das línguas sendo estudadas. A tradução da Bíblia já está completa para 13 línguas indígenas brasileiras. Nos próximos anos o Summer pretende concentrar sua atenção também na documentação das línguas indígenas, especialmente dicionários e coleções de textos, que podem embasar futuras análises por quaisquer linguistas.

O curso anual de treinamento básico em linguística ministrado por SIL/ALEM serve principalmente para fornecer alguma formação para iniciantes e pessoas com fins práticos e não para formar linguistas profissionais. O SIL forneceu treinamento nos primeiros programas de pós-graduação em linguística, quando havia carência de docentes, mas não tem convênio com qualquer universidade brasileira hoje em dia. São raros os casos de linguistas não-missionários brasileiros que devam ao SIL sua formação principal. Os linguistas missionários basicamente têm formação outrossí, e a sua relevância atual para o desenvolvimento da linguística indígena no país é duvidosa.

A organização Unevangelized Fields Mission mantém duas missões no Brasil: a Missão Evangélica da Amazônia (MEVA) e o seu braço brasileiro, a Missão Central do Brasil (MICEB). Estas missões realizam pesquisas linguísticas entre os grupos Karib do Norte e Yanomami, e publicam menos trabalhos de cunho científico do que o SIL/ALEM. A Missão Novas Tribos do Brasil é mais fundamentalista e publica ainda menos. As missões ligadas à igreja católica, especialmente o CIMI e a OPAN, geralmente não produzem linguística científica, mas têm alguma assessoria linguística.

#### PESQUISADORES ESTRANGEIROS NÃO MISSIONÁRIOS

Um fato que não mudou durante os últimos sete anos é a falta quase completa de pesquisadores estudantes estrangeiros realizando estudos de campo sobre línguas indígenas brasileiras. As exceções são o trabalho de Laura Graham (1990) entre os Xavante e o de Gail Gomes (1990) entre os Yanomami. Dos pesquisadores seniores, Gerald Taylor completou uma descrição da língua Aruak Baniwa (Taylor 1991), e livros e artigos foram elaborados por Klein (1985), Migliazza (1985), Urban (1985, 1986a, 1986b) e Urban e Sherzer (1988).

Alguns especialistas estrangeiros assumiram papéis significativos no fortalecimento de programas em linguística indígena nos últimos anos, tendo também desenvolvido pesquisas: Bruna Franchetto (formada no Brasil) na

Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), Denny Moore, no Museu Paraense Emílio Goeldi (em Belém), Jean-Pierre Angenot e Alexandra Aikhenvald-Angenot na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e Odile Renault-Lescure e Françoise Grenand no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA, em Manaus). Porém, alguns pesquisadores estrangeiros também deixaram instituições nacionais: Daniel Everett e Maurizio Gnerre da UNICAMP e Françoise Grenand do INPA.

## PESQUISAS, PESQUISADORES, E INSTITUIÇÕES BRASILEIRAS

As atividades de pesquisa de línguas indígenas têm aumentado bastante desde 1984, em parte por um crescimento predizível e em parte por causa do Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras (PPCLIB), que, a partir de 1987, incentivou e organizou o desenvolvimento do estudo das línguas dos índios do Brasil. Além de apoiar pesquisas, o PPCLIB possibilitou cursos a nível nacional em linguística indígena. Por exemplo, dos 25 alunos do primeiro Curso Intensivo em Linguística Indígena em Belém no ano 1988, 16 (64%) continuam envolvidos no estudo de línguas indígenas hoje.

### Instituições

Uma medida do crescimento da linguística indígena no Brasil é o aumento no número das instituições que estimulam estudos nesta área. Em 1984 havia basicamente dois centros importantes: o Museu Nacional da UFRJ e a UNICAMP. No quadro atual, há oito instituições com programas de pós-graduação em que há estudantes de linguística indígena. Estas são (instituição e número de dissertações defendidas sobre línguas indígenas nos últimos três anos):

- Universidade de Brasília (6 mestrados)
- Universidade Federal de Goiânia (1 mestrado)
- Universidade Federal de Minas Gerais (0)
- Universidade Federal de Pará (0)
- Universidade Federal de Pernambuco (2 mestrados)
- Universidade Federal de Rio de Janeiro (1 doutorado)
- Universidade Federal de Santa Catarina (0)
- Universidade Estadual de Campinas (3 mestrados)

As últimas três instituições oferecem o doutorado em linguística, mas só as últimas duas têm atualmente alunos neste nível.

Além destas oito instituições, existem outras dez onde há pelo menos um pesquisador ou estudantes envolvidos em pesquisas de línguas indígenas. O Museu Goeldi, por exemplo, não possui um programa de pós-graduação, mas mantém um estágio que enfatiza a prática de pesquisa.

Há sete estudantes de linguística indígena se doutorando no exterior, quatro nos Estados Unidos, dois na França, e um na Inglaterra. Destes, ao menos dois não vão elaborar a tese de doutorado na base de dados de uma língua indígena porque o tempo exigido para a coleta e análise de dados é enorme enquanto que o prazo máximo permitido para a conclusão do curso é geralmente de quatro anos.

#### Pós-Graduação

Uma outra medida do crescimento de linguística indígena no Brasil é o número de teses e dissertações defendidas neste campo em instituições nacionais. No seu artigo de 1985 (409-11), Rodrigues menciona um grau de doutorado (de um integrante do SIL) e oito de mestrado (incluindo três do SIL) concedidos pela UNICAMP, como também dois mestrados orientados por Yonne Leite do Museu Nacional. O total de graduados no fim de 1991 é quase três vezes maior: quatro doutores e 27 mestres. Nos últimos anos, somente um mestrado foi concedido a um estudante missionário.

#### Línguas Sendo Estudadas

O número de línguas estudadas por pesquisadores brasileiros aumentou consideravelmente nos anos recentes. O relatório do PPCLIB lista 67 projetos de análise e descrição apoiados pelo programa, envolvendo um total de 59 línguas indígenas. Dos 67 projetos, só 17 existiam em 1987. Todavia, dos projetos atuais, alguns não estão ativos. Há ainda quatro projetos de linguística diacrônica.

Das 34 línguas atualmente estudadas por membros do SIL, 11 estão também incluídas nas pesquisas do PPCLIB e 23 são estudadas somente por missionários. Somando estas 23 línguas às 59 línguas do PPCLIB, e a uma estimativa de talvez 13 línguas pesquisadas seriamente por outras missões religiosas protestantes, o total de línguas sendo pesquisadas no Brasil, excluindo pesquisas por estrangeiros sem vinculação institucional nacional, seria 95. Trata-se de um aumento de 25 línguas, ou aproximadamente 36% acima do total de 70 fornecido por Rodrigues seis anos atrás (1985:411).

Foram identificadas, em 1990, 71 pesquisas nacionais não missionárias com línguas indígenas brasileiras. Desse total, 34% foram classificadas como independentes (realizadas geralmente por pesquisadores seniores), 25% foram desenvolvidas por doutorandos, e 34% por mestrandos. Mais de 3/4 destes pesquisadores brasileiros são de fato pesquisadoras.



A distribuição das 59 línguas sendo estudadas pelo PPCLIB, por tronco ou família, é a seguinte:

Tupi-Guarani (uma das 10 famílias Tupi)	13
Tupi não Tupi-Guarani (as outras 9 famílias)	7
Arawak	8
Pano	7
Jê	6
Macro-Jê ou provável Macro-Jê	6
Karip	3
Makú	1
Mura	1
Isolada	7
(total=59)	

Existem famílias linguísticas inteiras (por exemplo, Arawá ou Tukano) que não possuem pesquisadores que não sejam missionários.

A distribuição das línguas pesquisadas por estado, em ordem decrescente, é a seguinte:

Amazonas	12
Mato Grosso	12
Rondônia	9
Pará	7
Acre	5
Goiás e Tocantins	3
Mato Grosso do Sul	2
Minas Gerais	2
Pernambuco	1
Paraná	1
Roraima	1
Santa Catarina	1
Extinta	2
(total=59)	

Comparando o quadro acima com o primeiro quadro, do número de línguas faladas por estado, observa-se que os estados de Roraima e Amazonas têm a menor proporção das suas línguas estudadas: 9% e 19% respectivamente. Este fato se deve ao seu difícil acesso ou às dificuldades inerentes à pesquisa de campo nestes locais. No entanto, também as restrições impostas pelo governo federal nos últimos anos dificultaram a entrada de pesquisadores às áreas incluídas no Projeto Calha Norte.

## Pesquisadores Brasileiros

Apenas dez brasileiros que trabalham com línguas indígenas possuem o doutorado. Aproximadamente 34 brasileiros ou tem o mestrado em linguística indígena ou estão hoje ativos nesta área, tendo completado o mestrado numa outra sub-área de linguística. Destes, três ou quatro devem completar o doutorado em breve.

## Publicação

Apesar do aumento no número de pesquisas e pesquisadores brasileiros na linguística indígena, o nível de publicações científicas permanece baixo. Alguns pesquisadores do SIL publicam artigos de teoria ou de síntese de área/tipológica em periódicos internacionais, mas raramente o fazem pesquisadores brasileiros. A maioria dos artigos sobre línguas indígenas aparecem em dois periódicos de linguística geral que publicam em média, cada um, dois números por ano: os Cadernos de Estudos Linguísticos, da UNICAMP, e a revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A parte indígena do conteúdo da primeira revista, nos últimos anos, mostra uma certa evolução na direção de uma diminuição dos artigos de reflexões políticas e de um aumento dos que se utilizam da linguística chomskiana ou tipológica aplicada às línguas indígenas. Outros periódicos que às vezes contêm informações sobre línguas indígenas são Ensaio de Linguística, da Universidade Federal de Minas Gerais, o Boletim da Associação Brasileira de Linguística, e o Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A Série Línguas Indígenas, da UNICAMP, publica monografias (em geral teses): Gonçalves 1987, Jensen 1989, Rodrigues 1990, Guedes 1991, e Taylor 1991. Um livro geral muito útil, escrito para o não-especialista, é Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas (Rodrigues 1986).

## Apoio Financeiro

A maior parte das pesquisas brasileiras sobre línguas indígenas é financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Brasil, que fornece bolsas de estudo e pesquisa. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal a Nível Superior (CAPES) também é outra importante fonte de bolsas de estudo, que frequentemente apóia estudantes durante as suas pesquisas na pós-graduação. Uma agência federal, a Financiadora de

Estudos e Projetos (FINEP), apóia projetos maiores, e duas agências estaduais, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), apoiam pesquisas realizadas por pessoas filiaças às instituições dos respectivos estados. Estas verbas, no entanto, são sempre escassas e a sua liberação um tanto imprevisível.

Nos anos recentes, mesmo com a grande atenção internacional voltada à Amazônia, as funções estrangeiras não têm contribuído para o estudo de línguas indígenas no Brasil, em parte pela ênfase dada à ecologia e em parte pela falta de conhecimento do interesse por parte das comunidades indígenas em terem suas línguas documentadas e estudadas para fins intelectuais e práticos.

#### Avaliação

O desenvolvimento da linguística indígena brasileira é importante visto que são os estudos realizados por brasileiros que têm a maior perspectiva de aumentar futuramente. As pesquisas por missionários estrangeiros estão gradualmente se reduzindo em número, com um aumento no trabalho feito por missionários brasileiros. O número de pesquisas de campo por estrangeiros tende a continuar baixo. O maior impacto dos estrangeiros provavelmente virá de parte dos que estão atuando em instituições brasileiras.

Para alcançar um conhecimento científico mais adequado das línguas indígenas do Brasil será necessário um trabalho enorme, dado o grande número de línguas e o fato de que talvez apenas 10% têm uma descrição mais ou menos adequada. Dados de línguas indígenas brasileiras foram poucas vezes aproveitados para a teoria linguística geral. Como exemplo, temos a discussão de línguas que têm o objeto em posição inicial na ordem básica (Derbyshire) ou o estudo de nasalização. Desse modo, o aproveitamento tem sido pouco em relação ao número de línguas, e de fatos teóricos certamente presentes nelas.

A classificação por Greenberg (1987) apresentou várias afirmações ousadas sobre as relações genéticas entre as línguas das Américas, incluindo as do Brasil. Os resultados, métodos, e dados colocados por Greenberg foram severamente criticados (Golla 1988, Campbell 1988) e o debate continua. Tentativas de se usar dados linguísticos para inferências sobre a prehistória da Amazônia (Lathrap 1970, Migliazza 1982) são interessantes mas até agora não possuem uma base linguística adequada. Muitos grupos indígenas no Brasil retêm fascinantes estilos de fala e padrões de uso tradicionais, como também uma variedade de situações de contato entre línguas. Estes fenômenos devem ser documentados e estudados.

Como vai a pesquisa brasileira frente a estas desafios e oportunidades? Neste momento, o que está sendo produzido principalmente são teses, a grande maioria ao nível de mestrado, tendo em geral como foco principal a fonologia taxonômica de uma língua. Este trabalho é um primeiro passo essencial, mas será necessário que haja também um aumento na realização de outros tipos de estudos.

Alguns linguistas sêniores ou doutorandos estão produzindo, ainda com uma certa timidez, estudos com foco chomskiano ou tipológico. A fonologia pós-gerativa também está começando a ser aproveitada. Todavia, não é o caso que estudos teóricos sejam mais importantes que os descritivos. Por exemplo, na década de 60, com a entrada da prestigiosa teoria gerativa, alguns trabalhos foram elaborados, principalmente por membros do SIL, que tentaram aplicar a teoria, frequentemente mal entendida, aos dados das línguas indígenas brasileiras, com o resultado de que nem descreveram os fatos da língua, nem avançaram a teoria.

Inexistem ainda descrições razoavelmente completas publicadas no Brasil, do tipo das que aparecem no Handbook of Amazonian Languages. Dicionários e coleções de textos também são raros. A linguística diacrônica está ativa nas obras de Aikhenvald-Angenot e de Aron Rodrigues, como também no Museu Nacional e no Museu Goeldi. Porém, estes estudos são poucos em relação ao número enorme de línguas no país e à complexidade da pré-história das línguas indígenas e suas interações. Estudos de estilos e gêneros de fala também dependem de uma análise da estrutura da língua, e são portanto raros.

Assumindo um crescimento de talvez 8 mestrados por ano em linguística indígena durante os próximos dois anos, o total de pesquisadores com mestrado em linguística indígena ou com mestrado em linguística e pesquisa atual em línguas indígenas aumentará de 34 a 50 até o final de 1993. Nem todos estes serão ativos; alguns mudam de rumo naturalmente ou não conseguem uma colocação profissional que possibilite a continuação da pesquisa.

Todavia, uma consideração importante a fazer é como será a capacitação dos que continuam como pesquisadores e estudantes, uma vez que há somente três programas de doutorado em Linguística no país que estimulam o estudo das línguas indígenas (dos quais um é bem mais produtivo que os outros), e poucos estudantes no exterior. O número de orientadores de alto nível é reduzido no Brasil, e são poucos os especialistas em fonologia ou sintaxe que conseguem analisar dados de línguas indígenas. Sendo uma pequena minoria, a atuação desses profissionais nas suas instituições é, infelizmente, muitas vezes impedida por uma maioria com inferior qualificação científica.

Medidas que podem ajudar na capacitação de pesquisadores e no aumento da qualidade de pesquisas incluem as seguintes:

- Cursos intensivos a nível nacional mais avançados e específicos, com ênfase na aplicação de métodos e teorias aos dados de línguas indígenas. Estes cursos são convenientes para pessoas fora dos grandes centros acadêmicos.
- Seções de trabalho em grupo onde haja oportunidade para consultas técnicas. Este método tem sido muito usado pelas organizações missionárias para agilizar as análises feitas pelos seus trabalhadores de campo.
- Melhor oportunidades e estímulo para que se publiquem artigos e livros sobre línguas indígenas.
- Maior sistematização e acesso à documentação sobre línguas indígenas. Sem estas informações estudos de área e comparativos, hoje raros, são impossíveis. Um levantamento bibliográfico realizado pelo Núcleo de Informação e Documentação da UNB já levantou a bibliografia existente em várias instituições em Brasília e Campinas.
- Melhoria de bibliotecas e de equipamento de pesquisa. O padrão infelizmente tem sido a aquisição individual e não a institucional.
- Desvinculação institucional do estudo de línguas indígenas de departamentos de letras, dos quais claramente diferem em teoria e metodologia.
- Projetos de pesquisa integrados. Um sinal de crescente sofisticação e capacitação são projetos de equipe que realizam pesquisa e treinamento, por exemplo: o projeto de estudo das línguas indígenas do Xingu por Lucy Seki (UNICAMP), o projeto de pesquisas descritivas e comparativas das línguas Aruak por Jean-Pierre Angenot e Alexandra Angenot-Aikenvald (UFSC), e o projeto de pesquisas descritivas e comparativas e de desenvolvimento institucional pelo Museu Goeldi. Pesquisas integradas ligadas a educação indígena incluem a da UFPE e da UFGO.

#### BENEFÍCIOS AS COMUNIDADES INDÍGENAS

Potencialmente os linguistas estão em posição de apoiar tecnicamente o interesse das comunidades indígenas em desenvolver ortografias e material didático na língua indígena. Porém, para isto o linguista tem que estar bem formado em métodos técnicos e ter muito tempo disponível. Uma ortografia deve ser baseada num estudo bem feito da fonologia e morfofonologia da língua, que pode levar meses para se completar, especialmente no caso de línguas que têm

contrastes de tom ou prolongamento de vogais ou consoantes. Não somente os contrastes, mas também o seu peso contrastivo deve ser determinado. Por exemplo, a língua inglesa tem contrastes de acento, mas estes raramente distinguem palavras e não é necessário se escrever o acento nesta língua.

Outros passos essenciais antes de elaborar uma ortografia prática são a investigação de todos os seus dialetos (a ortografia deve servir para todos), e o exame das ortografias já propostas ou estabelecidas para a língua. A ortografia proposta deve ser testada com uns poucos falantes para verificar se eles podem usá-la consistentemente sem erros na transcrição de palavras e textos, e depois interpretar corretamente o que foi escrito. Ainda restam os problemas de elaborar materiais escritos e achar tempo para ministrar aulas. Dificilmente alguém não-falante e não-linguista terá sucesso em alfabetizar índios na própria língua.

Infelizmente, os passos acima levantados frequentemente não são seguidos. Algumas línguas têm três ou mais ortografias diferentes, às vezes com variações sucessivas feitas pelo mesmo linguista, enquanto outras línguas continuam ágrafas. A maioria das tribos recebem pouca educação, seja na língua indígena ou na língua nacional. Ao menos para educação no português não seria difícil preparar um conjunto de livros apropriados para índios de todas as regiões, uma medida que não foi sequer ensaiada. O caso de educação indígena reflete o problema geral de medidas práticas para a saúde, economia, etc, nas reservas indígenas. Estas são questões que têm sido ricas em filosofia e opinião mas pobres em resultados concretos.

Há demanda por parte das comunidades indígenas para que se faça a documentação da sua língua e cultura. Linguistas podem ser importantes para gravar, ou por meios eletrônicos ou através de textos escritos, o conhecimento tradicional do ambiente, crenças, mitos, estilos de fala, práticas culturais, e história oral.

---

1. Agradecimentos a Aryon Rodrigues e Bruna Franchetto por comentários e sugestões, que, no entanto, não são responsáveis pelas opiniões ou por eventuais erros factuais deste artigo.

2. Apesar dos maiores esforços, não é possível ter certeza da precisão de todas as informações apresentadas, devido à magnitude do tópico e à falta de estatísticas oficiais. As nossas fontes principais são (1) nossos conhecimentos pessoais dos acontecimentos e da bibliografia, (2) entrevistas com outros linguistas, principalmente com professor Aryon Rodrigues e com Dr. Carl Harrison do SIL, (3) o "Relatório Sucinto das Atividades Estimuladas e Apoiadas em 1990 e Previsões para 1991" do PPCLIB (Rodrigues 1991), e (4) o mapa "Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária" (CIMI 1985).

3. A bibliografia fornecida é representativa ao invés de exaustiva. Focaliza-se nos anos 1985-91.

## BIBLIOGRAFIA

- Abbott, Miriam. 1985. Subordinate Clauses in Macushi. Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Aberdour, C. 1985. Referential Devices in Apurinã Discourse. Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Acuña, Cristobal de S.I. (1641: "Novo Descobrimento do Grande Rio das Amazonas"). CARVAJAL et al, 1941: Descobrimientos do Rio das Amazonas. Rio de Janeiro e Sao Paulo: Cia. Ed. Nacional.
- Aguiar, Maria Sueli. 1988. Elementos da Descrição Sintática para uma Gramática do Katukina. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- Aikhenvald-Angenot, Alexandra, e Jean-Pierre Angenot. 1990. Problemas de Ergatividade nas Línguas Arawak. Anais do V Encontro Nacional de ANPOL, Recife.
- \_\_\_\_\_. 1990. The South-American Proto-Gê and the Old world. Texas 3.
- Anchieta, Joseph de. 1595. Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil. Coimbra: Antônio Mariz.
- Alves, Poliana Maria. 1991. Análise Fonológica Preliminar da Língua Tupari. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília.
- Araújo, Leopoldina Maria. Estrutura Superficial de Alguns Tipos de Frases Declarativas Afirmativas do Dialeto Gavião-Jê. Dissertação de Mestrado. UFSC. Florianópolis.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da Língua Gavião-Jê, vol. I. Aspectos da Língua Gavião-Jê: Vocabulário, vol. II. Dissertação de PhD. UFRJ.
- Balée, William e Denny Moore. 1991. Similarity and Variation in Plant Names in Five Tupi-Guarani Languages (Eastern Amazonia). Bulletin Florida Museum Nat. Hist. Biol. Sci. 35(4):209-262.
- Barbosa, Euripedes. 1991. Aspectos da Fonologia Yatê. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília.
- Barros, Luizete Guimarães. 1987. A Nasalização e Fonologia Introcatória da Língua Katukina (Pano). Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- Bontkes, C. 1985. Verification Particles in Surui. Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.



- Borges, Luiz Carlos. 1991a. A Língua Geral Amazônica: Aspectos de Sua Fonêmica. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- \_\_\_\_\_. 1991b. As Máscaras da Conveniência. Boletim da ABRALIN 10. 175-196.
- Brandon, F.R. e Seki, Lucy. 1984. Moving Interrogatives Without Initial and WH Node in Tupi. *Syntax & Semantics* 16. In: *The Syntax of Native American Languages*. 77-103. Academic Press.
- Camargo, Eliane. 1987. Esquisse Linguistique sur le Kaxinawa, Langue de la Famille Pano. *Memoire de DEA*. Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV).
- Campbell, B. 1985. Jamamad: Noun Phrases. *Porto Velho work Papers*. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Campbell, L. 1988. Resenha de Language in the Americas by J.H. Greenberg. *Language* 64(3):591-615.
- Carso, Neuza M. 1984. Problemas de Análise Linguística em Línguas Indígenas Brasileiras. *Boletim da ABRALIN* 6. 131-138.
- Cavalcante, Marita Porto. 1987. Fonologia e Morfologia da Língua Kaingang: O Dialeto de São Paulo Comparado com o do Paraná. Tese de Doutorado. UNICAMP. Campinas.
- Chapman, S. 1985. Subordinate Clauses in Paumari. *Porto Velho Work Papers*. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Conselho Indigenista Missionário. 1985. Povos Indígenas no Brasil e Presença Missionária. (Mapa.) Brasília: CIMI.
- Costa e Souza, Isaac. 1987. Contribuição para a Fonologia da Língua Arara (Karió). Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília.
- Cristóforo, Thais. 1987. Um Problema de Análise Fonológica dos Segmentos Vocálicos em Krenak. *Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* 3(2). 183-195.
- \_\_\_\_\_. 1986. Descrição Fonética e Análise de Alguns Processos Fonológicos da Língua Krenak. Dissertação de Mestrado. UFMG. Belo Horizonte.
- Crofts, M. 1985. Aspectos da Língua Munduruku. Brasília: SIL.
- Cunha, Péricles. 1987. Análise Fonêmica Preliminar da Língua Guajá. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.

- Derbyshire, D. 1985. Hixkaryana and Linguistic Typology. Dallas: SIL.
- \_\_\_\_\_. 1986. Topic Continuity and OSV Order in Hixkaryana. Native South American Discourse. Sherzer e Urban (eds.). Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_. 1987. Morphosyntactic Areal Characteristics of Amazonian Languages. IJAL 53(3):311-326.
- \_\_\_\_\_, e Geoffrey Pullum. 1981. Object-initial Languages. IJAL 53 (3):311-326.
- \_\_\_\_\_, e Geoffrey Pullum, eds. 1986a. Handbook of Amazonian Languages, 1. Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_, e Geoffrey Pullum, eds. 1990. Handbook of Amazonian Languages, 2. Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_, e Geoffrey Pullum, eds. 1991. Handbook of Amazonian Languages, 3. Berlin: Mouton de Gruyter.
- \_\_\_\_\_, e D. Payne. 1990. Noun Classification Systems of Amazonian Languages. Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages. D. Payne (ed.). Austin: University of Texas Press.
- Dooson, R. 1988. Aspectos da Língua Kayabi. Série Linguística 12:1-191.
- Dooley, R. 1988. Serial Verbs in Mbya. Tese de Mestrado.
- Dourado, Luciana Gonçalves. 1990. Estudo Preliminar da Fonêmica Panará. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília.
- Durbin, M. 1985. A Survey of the Carib Language Family. South American Indian Languages, Retrospect and Prospect. Klein e Stark (eds.). 325-370. Austin: University of Texas Press.
- Emmerich, Charlotte. 1984. Aspecto Morfosintático na Língua de Contato co Alto Xingu. Boletim da ABRALIN 6. 159-173.
- Everett, Daniel. 1986. A Note on Ergativity, S' and S\* in Karitiana. Notes on Linguistics 33:40-47. SIL.
- \_\_\_\_\_. 1987. Pirahã Clitic Doubling. Natural Language and Linguistic Theory. 5:245-76.
- \_\_\_\_\_, e Karen Everett. 1984. On the Relevance of Syllable Onsets to Stress Placement. Linguistic Inquiry 15:703-711.
- \_\_\_\_\_, e Lucy Seki. 1985. Reduplication and CV Skeleta in Kamayurá. Linguistic Inquiry 16(2):326-330.

Fortune, David, et. 1985. Porto Velho work Papers. Brasília: SIL.

Franchetto, Bruna. 1986. Falar Kuikuro: Estudo Etnolinguístico de um Grupo Karibe do Alto Xingu. Tese de Doutorado. Museu Nacional da UFRJ. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1989. Forma e Significação na Prática Oral Kuikuru. *Ameríndia* 14.

\_\_\_\_\_. 1990. Ergativity and Nominativity in Kuikuro and Other Carib Languages. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. O. Payne (ed.). Austin: University of Texas Press.

\_\_\_\_\_. 1990. A Ergaticidade em Kuikuro (Karibe): Algumas Propostas de Análise. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18:57-78. Campinas: UNICAMP/IEL.

Gabas, Nilson Júnior. 1989. Estudo Fonológico da Língua Karó (Arara de Rondônia). Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.

\_\_\_\_\_. 1990. Os Segmentos Complexos da Língua Karó. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18:142-151. Campinas: UNICAMP/IEL.

Gomes, Ivanise Pimentel. 1991. Aspectos Fonológicos e Morfosintáticos do Awa-Guajá (Tupi). Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife.

Gómez, Gail Goodwin. 1990. The Shirana Dialect of Yanam (Northern Brazil). Dissertação de Doutorado. Columbia University.

Gonçalves, Cristina Helena K. C. 1987. Concordância em Mundurucu. *Série Línguas Indígenas*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Graham, Laura. 1986. Three Modes of Shavante Vocal Expression: Wailing, Collective Singing and Political Oratory. *Native South American Discourse*. Sherzer e Urban (eds.). Berlin: Mouton de Guyter.

\_\_\_\_\_. 1990. The Always Living: Discourse and the Male Lifecycle of the Xavante Indians of Central Brazil. Dissertação de Doutorado. University of Texas. Austin.

Greenberg, J. 1987. *Language in the Americas*. Stanford: Stanford University Press.

Grenand, Françoise. 1989. Dictionnaire Wayãpi-Français, Lexique Français-Wayãpi. SELAF 274. Paris: Peeters/SELAF.

\_\_\_\_\_. e E.H. Ferreira. 1989. Pequeno Dicionário da Língua Geral. Manaus: SEDUC.

Groth, C. 1985. Syntax of the Phrase Types in Canamari. Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune. Brasília: SIL.

Guedes, Marymarcia. 1991. Subsídios para uma Análise Fonológica do Mbyá. Série Línguas Indígenas. Campinas: Editora da UNICAMP.

Harrison, C. 1986. Verb Prominence, Verb Initialness, Ergativity and Typological Disharmony in Guajajara. Handbook of Amazonian Languages 1. Derbyshire e Pullum (eds.). 407-439. Berlin: Mouton de Guyter.

Jensen, Cheryl J.S. 1984. O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampi. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.

\_\_\_\_\_. 1990. O Desenvolvimento Histórico da Língua wayampi. Série Línguas Indígenas. Campinas: Editora da UNICAMP.

\_\_\_\_\_. 1987. Object-Prefix Incorporation in Proto Tupi-Guarani Verbs. Language Sciences 9, 1(65):45-55.

Junqueira, Carmen, et al. 1984. Estudo de línguas Indígenas: Perspectiva Antropológica. Boletim da ABRALIN 6. 127-130.

Kakumasu, J. 1986. Urubu Kaapor. In Handbook of Amazonian Languages, 1. Derbyshire e Pullum (eds.). 326-403. Berlin: Mouton de Guyter.

Kaufman, Terrence. 1988. The Languages of South America. Manuscript. South American Indian Languages Documentation Project. Berkeley.

\_\_\_\_\_. 1990. Language History in South America: What we Know and How to Know More. Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages. D. Payne (ed.). 13-67. Austin: University of Texas Press.

Klein, Harriet e Louisa Stark. (eds.). 1985. South American Indian Languages: Retrospect and Prospect. Austin: University of Texas Press.

Koehn, E. e S. Koehn. 1986. Apalai. In Handbook of Amazonian Languages, 1. Derbyshire e Pullum (eds.). 33-127. Berlin: Mouton de Guyter.

Koop, G. e L. Koop. 1985a. Dicionário Deni-Portugues, Portugues-Deni. Arquivo Linguístico 145. SIL.

\_\_\_\_\_. 1983b. Os Afixos Pessoais in Deni. Série Linguística 9(2):177-196.

- Lacerda, Rosely Maria de Souza. 1991. Sistema Interrogativo de Seis Línguas Indígenas do Brasil: Uma Análise Contrastiva. Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife.
- Landin, David. 1988. As Orações Karitiana. *Série Linguística* 9(2):31-50.
- Landin, Rachel. 1987. Conjunções Karitiana de Nível Superior. *Série Linguística* 9(1):199-206. SIL.
- Lathrap, D. 1970. *The Upper Amazon*. New York: Praeger.
- Leite, Yonne. 1990. Para uma Tipologia Ativa do Tapirapé. *CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS* 18:37-56. Campinas: UNICAMP/IEL.
- \_\_\_\_\_, e Marília Facó Soares. 1991. Vowel Shift in the Tupi-Guarani Language Family: A Typological Approach. *Language Change in South American Indian Languages*. Mary Ritchie Key (ed). 36-53. Philadelphia: University Press.
- Léry, Jean de. 1578. *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil, Autrement Dite Amérique*. La Rochelle: Antoine Chuppin.
- Maciel, Iraguacema. 1991. Alguns Aspectos Fonológicos e Morfológicos da Língua Makú. Dissertação de Mestrado. UNB. Brasília.
- Migliazza, E.C. 1982. Linguistic Prehistory and The Refuge Model in Amazonia. Em *Biological Diversification in the Tropics*. G. Prance (ed.). 497-519. New York: Columbia University Press.
- \_\_\_\_\_. 1985. Languages of the Orinoco-Amazon Region: Current Status. *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Harriet Klein e Louisa Stark (eds). 17-139. Austin: University of Texas Press.
- Moore, Denny. 1984. *Syntax of the Language of the Gavião Indians of Rondônia, Brazil*. Dissertação de Doutorado. City University of New York.
- \_\_\_\_\_. 1985. Nominal Stem and Adjective Stem Incorporation in Gavião. *IJAL* 51(4):513-515.
- \_\_\_\_\_. 1989. Gavião Nominalizations as Relative Clause and Sentential Complement Equivalents. *IJAL* 55(3):309-325.
- \_\_\_\_\_, Sidney Facundes e Nácia Pires. 1991. Nheengatú: Notas Sobre Sintaxe e Desenvolvimento Histórico. *Anais do Quinto Encontro da ANPOLL*, Recife, 25 de julho 1990.

- Odmark, M.A. 1987. A Sobreposição e Outras Técnicas de Repetição em Paumari. *Série Linguística* 9(2):111-116. Brasília: SIL.
- Palácio, Adair Pimentel. 1984. Guató, a Língua dos Índios Canoeiros do Rio Paraguai. Dissertação de Doutorado. UNICAMP.
- \_\_\_\_\_. 1986. Aspects of the Morphology of Guató. In: *Language in Global Perspective*. B.F. Elson, (ed.). Dallas: SIL.
- Payne, D. 1987. Noun Classes and Classification in the Western Amazon: Evidence of a Linguistic Area. *Language Sciences* 9: 21-44.
- \_\_\_\_\_. 1990. *Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Texas: University of Texas Press.
- Pereira, A.H. 1987. Vocabulário Paresi. *Pesquisas* 42:778-821.
- Popovitch, Andrew H. 1985. Discourse Phonology of Maxakali: A Multilevel, Multiunit Approach. Dissertação de Mestrado. University of Texas. Arlington.
- Price, D. 1985. Nambiquara Languages: Linguistic and Geographical Distance Between Speech Communities. *South American Indian Languages: Retrospect and Prospect*. Austin: University of Texas Press.
- Renault-Lescure, Odile. *Evolution Lexicale du Galibi, Langue Caribe de Guyane Française*. Paris: ORSTOM.
- Rodrigues, Arnon. 1984. Contribuição das Línguas Indígenas Brasileiras para a Fonética e Fonologia. In: *Language in the Americas*. D.F. Soldá. 263-267. Ithaca.
- \_\_\_\_\_. 1984/85. Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia* 27/28:33-53. São Paulo.
- \_\_\_\_\_. 1985a. The Present State of the Study of Brazilian Indian Languages. In *South American Indian Languages, Retrospect and Prospect*. H. Klein and L. Stark (eds.). 405-439. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. 1985b. Evidence for Tupi-Carib Relationships. In *South American Indian Languages, Retrospect and Prospect*. Klein e Stark (eds.). 371-404. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_. 1986a. Silêncio, Pausa e Nasalização. *Anais do VIII Encontro Nacional de Linguística* 153-159. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1986b. Línguas Brasileiras: Para o Conhecimento das Línguas Indígenas. São Paulo: Edições Loyola.

\_\_\_\_\_. 1990. You and I = Neither You nor I: The Personal System in Tupinambá. In Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages. 393-406. Austin: University of Texas Press.

\_\_\_\_\_. 1991. Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras/CNPq-FINEP: Relatório Sucinto das Atividades Estimuladas e Apoiadas em 1990 e Previsões para 1991. Ms. Brasília.

Rodrigues, Carmen Lúcia Reis. 1990. Langue Xipaya - Étude Phonologique. Dissertation de DEA. Université Paris 7 - Jussieu. Paris.

Rodrigues, Daniele M Grannier. 1990. Fonologia do Guaraní Antigo. Série Línguas Indígenas. Campinas. Editora da UNICAMP.

Scher, Nelmo R. 1986. A FUNAI e a Preservação das Línguas Indígenas. Boletim da ABRALIN 7. 63-66.

Seki, Lucy. 1984. Problema no estudo de uma língua em Extinção. Boletim da ABRALIN 6. 109-115.

\_\_\_\_\_. 1987. Para uma Caracterização Tipológica do Kamayurá. Cadernos de Estudos Linguísticos 12:15-24. Campinas: UNICAMP/FUNCAMP.

\_\_\_\_\_. 1990. Apontamentos para uma bibliografia da língua Botocudo/Borum. Cadernos de Estudos Linguísticos 18:115-142. Campinas: UNICAMP/IEL.

✓ | Sherzer, Joel, e Greg Urban, eds. 1986. Native South American Discourse. Berlin: Mouton de Gruyter.

Silva, Tereza Cristina de Souza. 1990. Estudo Preliminar da Fonologia da Língua Mahinaku. Dissertação de Mestrado. UnB. Brasília.

Soares, Marília Facó. 1979. A Perda da Nasalidade e Outras Mutações Vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara. Dissertação de Mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. 1985. Traços Acústicos das Vogais em Tikuna. Cadernos de Estudos Linguísticos 7. Campinas: UNICAMP/IEL.

\_\_\_\_\_. 1991. Posições na Pesquisa Linguística em Áreas Indígenas. Boletim da ABRALIN 10. 165-173.

- \_\_\_\_\_. 1986. Alguns Processos Fonológicos em Tikuna. Cadernos de Estudos Linguísticos 11 (segundo semestre). Campinas: UNICAMP/IEL.
- \_\_\_\_\_. 1990. Marcação de Caso e Atribuição de Caso em Tikuna. 1990. Cadernos de Estudos Linguísticos 18:79-114. Campinas: UNICAMP/IEL.
- Souza, Sueli Maria. 1989. O Sistema de Referência Pessoal na Língua Kraho. Dissertação de Mestrado. UFGD. Goiânia.
- Stute, H. 1985. Os Auxiliares Dinâmicos da Língua Gavião. Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Taylor, Gerald. 1991. Introdução à Língua Baniwa do Içana. Series Linguas Indigenas. Editora da UNICAMP.
- Teixeira, José Baltazar. 1988. Contribuição para a Fonologia do Dialeto Kaingang de Nonoai. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- Urban, Greg. 1985. Ergativity and Accusativity in Shokleng (Gê). IJAL 51(2):164-187.
- \_\_\_\_\_. 1986a. Ceremonial Dialogue in South America. American Anthropologist 88:371-386.
- \_\_\_\_\_. 1986b. Semiotic Functions of Macro-Parallelism in the Shokleng Origin Myth. Native South American Discourse. Sherzer and Urban (eds.). Berlin: Mouton de Guyter.
- \_\_\_\_\_, e Joel Sherzer. 1988. The Linguistic Anthropology of Native South America. Annual Review of Anthropology 17:283-307.
- Van der Meer, Tine. 1982. Fonologia da Língua Suruí. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas.
- \_\_\_\_\_. 1983. Ideofones e Palavras Onomatopaicas em Suruí. Estudos Linguísticos 7 (Anais do Seminário do GEL). 10-15. São Paulo.



- \_\_\_\_\_. 1985. Case Marking in Surui. In Porto Velho Work Papers. D.L. Fortune (ed.). Brasília: SIL.
- Vandresen, Paulino. 1986. Preservação das Línguas e Culturas Indígenas. Boletim da ABRALIN 7. 55-62.
- Vigna, Dalva del. 1991. Segmentos Complexos da Língua Yuhup. Dissertação de Mestrado. UnB, Brasília.
- Weir, Helen. 1984. A Negação e Outros Tópicos da Gramática Nadeb. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas.
- \_\_\_\_\_. 1986. Footprints of Yesterday's Syntax: Diachronic Development of Certain Verb Prefixes in an OSV Language (Nadeb). *Lingua* 68(4):291-316.